

1. Introdução.

A Taquigrafia, como técnica milenar de escrita rápida, vem evoluindo através dos tempos, até chegar ao seu nível atual, acompanhando a mudança dos recursos que a inteligência humana tem promovido em todas as áreas de conhecimento. Chegamos a um bom nível de eficiência, e hoje os taquígrafos têm ajuda de excelentes instrumentos auxiliares, disponíveis por meio dos valiosos recursos da eletrônica e da TI (Tecnologia da Informação).

No princípio, a Taquigrafia utilizava somente o método de apanhamento manual, que se generalizou e permanece sendo largamente utilizado nos dias de hoje. Ao que se sabe, na Roma antiga, os taquígrafos usavam uma espécie de estilete, para gravar, em peças de madeira revestidas com um produto de média viscosidade, os sinais que correspondiam às palavras pronunciadas e as peças eram reaproveitadas. Era trabalho de um verdadeiro e hábil artesão-escultor, gravando hieróglifos num aparato próprio para esculpir. Posteriormente, vieram a ser utilizados o papiro, o papel, o lápis, a caneta. Com o advento da escrita sobre papiros, com o aparecimento das canetas e lápis com núcleo de carvão, a escrita taquigráfica passou a ter maior facilidade para a sua execução, com o conseqüente aumento da velocidade e eficiência de tradução.

Por longo tempo, a técnica continuava a ser um penoso processo de captação dos sons, sua interpretação de acordo com o método utilizado, o seu registro no papel ou na máquina de taquigrafar e sua posterior tradução, com ou sem o auxílio de meios eletro-mecânicos. Este ciclo poderia ocupar um tempo mais ou menos longo, mais rápido que a escrita tradicional, porém ainda pouco veloz para acompanhar, em situações extremas, a palavra fugidia de oradores muito rápidos.

2. Evolução.

Em certo momento, métodos mecânicos foram experimentados, mediante a construção de máquinas diversas, hoje genericamente conhecidas como máquinas de taquigrafar, que não dispensam a atuação de um profissional habilitado para o seu manuseio.

Ao longo do tempo, muitos métodos de taquigrafia foram criados em várias regiões do mundo, em vários idiomas, sempre visando ao registro da palavra falada e sua tradução em tempo o mais curto possível, com correção gramatical e linguagem escoreta.

Até hoje, porém, é evidente que ainda não dispomos de um método de taquigrafia ideal, absolutamente perfeito, com as características de rapidez igual à da voz humana e com uma tradução com cem por cento de acertos, isto é, sem nenhum erro, com fidelidade absoluta.

Em outros termos, haverá um método de taquigrafia que seja capaz de registrar a fala humana em qualquer velocidade, bem acima de 130 palavras por minuto, traduzindo o que foi falado logo após o registro, ou simultaneamente com ele, com a mesma velocidade do pronunciamento, sem nenhum erro? E agora, com o quase fantástico auxílio da estrutura advinda da Eletrônica e da Informática, seria possível apresentar, num tempo curtíssimo, ou simultaneamente, o texto impresso, valendo-se de um moderno software editor de texto?

3. Reflexões

A pergunta pode nos remeter a certa reflexão: existe alguma coisa perfeita neste mundo? Algum engenho que nunca falhe? Algum aparato, criado pelo homem ou pela natureza, que

seja absolutamente confiável, sem nenhuma falha?

Primeiro, seria interessante fazer algumas divagações e um paralelo com outros tipos de atividade humana.

Desde a Idade Antiga, a humanidade vem passando por um contínuo ou intermitente processo de evolução, substituindo processos e técnicas antiquadas por outros processos modernos cada vez mais rápidos, confiáveis, eficientes e baratos. Este fenômeno ocorre em todos os níveis da nossa vida. Passamos da Idade da Pedra Lascada para sucessivas fases da nossa existência, até chegarmos ao nosso século, com impressionantes progressos em quase todas as áreas da nossa existência. Esta evolução se fez ora em ritmo lento, ora parecendo estagnada, ora em franca aceleração. Hoje, estamos num período de evolução e transformação muito rápida. Nos últimos 50 anos evoluímos mais do que nos 5000 anos anteriores. Às vezes é difícil se adaptar ao ritmo evolutivo, com técnicas que tornam obsoletas outras recém-criadas.

A Taquigrafia também foi alcançada pelo processo evolutivo em todos os níveis. A tradicional taquigrafia manual, com o papel, lápis ou caneta e a velha máquina de escrever, precisou se adaptar aos novos paradigmas, com o advento das técnicas oriundas do formidável manancial da estrutura tecnológica. Num dado momento, os antigos taquígrafos do Senado, que taquigrafavam em pé, num angustioso afã de localizar os oradores, passaram a dispor de uma mesa no âmbito do plenário; logo após os pronunciamentos, desciam pressurosos à sala de tradução, contando com o prestimoso auxílio de máquinas de escrever barulhentas, que passaram a ser elétricas - quem não se lembra das IBM 72, da 82 C, das esferas com alguns poucos tipos de letras e suas fitas apagadoras?

4. Avanços

Com a explosão dos conhecimentos da Tecnologia da Informação, a partir das décadas de 60 e 70, entre os numerosos recursos disponíveis, o teclado de computador, também chamado *keyboard*, aliado aos maravilhosos softwares de edição de texto - entre os quais sobressai, no mundo inteiro, o Microsoft Word, criado por Richard Brodie para computadores IBM PC com o sistema operacional DOS em 1983, sucedendo o antigo *WordStar* - trouxeram uma forte mudança nas técnicas de diversas atividades. Na área taquigráfica, foi agilizado o trabalho de digitação dos textos taquigrafados, que passou a ser feito com maior velocidade. Acompanhando esse *boom*, a utilização das redes de computadores, possibilitando interagirem taquígrafos, revisores e demais funcionários pertencentes ao circuito do apanhamento dos discursos parlamentares, trouxe mais um notável incremento à eficiência e rapidez dos serviços taquigráficos no Parlamento, no Judiciário e em outros campos de aplicação dessa técnica. O serviço taquigráfico ficou mais ágil, não o apanhamento taquigráfico propriamente dito, mas o seu complemento, que é o fornecimento da tradução em forma escrita, impressa. O apanhamento taquigráfico, como função primordial que representa a técnica taquigráfica, na verdade, continuou o mesmo, subordinado ao talento profissional.

Apesar de tudo, ainda não chegamos à perfeição. Hoje, fala-se muito em trabalhos "*on line*", "*closed caption*", e são até usadas expressões que nada têm a ver com a taquigrafia. Páginas internacionais na internet têm apresentado máquinas miraculosas de taquigrafar ou métodos de taquigrafia para registrar pronunciamentos à velocidade de 200 ou 240 palavras por minuto - seriam mais rápidas do que a própria voz humana! Vejamos o que se diz no site

www.lizetecastro.com, que aconselho a todos seja consultado. O que não se diz é que a contagem é feita estabelecendo que se considera uma sílaba igual a uma palavra. Assim, uma palavra com oito sílabas, como por exemplo *internacionalização*, seria contada como oito palavras!! Com esse tipo de contagem, admitindo a média de 3 a 4 sílabas por palavra no idioma português, a velocidade iria aos píncaros de 390 a 520 palavras por minuto. Interessante!

5. O futuro

Que nos reserva o futuro? Futurólogos têm sistematicamente fracassado em suas previsões. Mas a lógica e um correto raciocínio podem nos dar boas chances de saber as probabilidades do que deverá acontecer.

Procura-se, freneticamente, um sistema perfeito para passar da palavra falada para a palavra escrita, com a máxima rapidez e perfeição. Algumas hipóteses são veiculadas atualmente, entre as quais as seguintes:

- a. Extinção da taquigrafia. São as cassandras, que acham que haverá um sistema qualquer que torne dispensável o trabalho dos profissionais de taquigrafia. O tempo passa e as profecias das cassandras, tal como na mitologia grega, não são tomadas a sério.
- b. Evolução das técnicas taquigráficas, com o auxílio da TI, aumentando cada vez mais a sua qualidade, sem dispensar o uso da taquigrafia manual clássica.
- c. Invenção de um aparato eletro-mecânico que registre a palavra falada, faça o reconhecimento e transformação do som em caracteres alfabéticos num determinado idioma e os transcreva no papel, tudo feito em tempo extremamente curto ou simultaneamente com o pronunciamento.

A última hipótese parece ser o caminho da Taquigrafia, em futuro próximo ou remoto. Como seria possível?

Levando em conta a tecnologia atualmente disponível principalmente nos setores da informática e da eletrônica, incluindo modernas aparelhagens de som, técnicas de reconhecimento automático de voz (RAV), uso de sofisticados analisadores de sinais ou osciloscópios modificados, código de barras, chips e processadores de informática ultra-rápidos, softwares cada vez mais abrangentes e poderosos, pode-se antever como seria um dispositivo capaz de registrar a palavra falada, gravá-la, apresentar os gráficos de som no écran de um osciloscópio, interpretá-los como se fosse um eletrocardiograma ou um código de barras, transpor a interpretação para um software editor de textos e a partir daí, com as correções ortográficas e gramaticais pré-programadas, para uma impressora de alta velocidade. Saliente-se que os atuais softwares de reconhecimento de voz, como o IBM Via Voice, ainda não estão em condições de uso num debate parlamentar.

Num passo adiante, poderá ser factível o reconhecimento do próprio locutor a partir de sua voz, analisada num aparato de avançada complexidade, porém perfeitamente exeqüível num futuro não muito distante, talvez utilizando métodos que empregam quantização vetorial e classificadores polinomiais.

Aqui, passo a palavra para os engenheiros de som e de hardware, a quem competirá essa tarefa que representará um grande avanço na técnica do registro de voz e sua impressão no papel. É bom lembrar que os atuais mecanismos de reconhecimento automático de voz (RAV), permitem à pessoa interagir com máquinas através da sua fala, embora ainda não seja esse

processo utilizável num acirrado debate parlamentar.

Esse quadro, ou outro semelhante, muito longe de ser uma utopia, parece estar se aproximando da sua factibilidade, embora para alguns pareça ser uma fantasia, um sonho impossível - sempre haverá descrentes, céticos, críticos, pessimistas e cassandras, mas muitas grandes realizações da humanidade enfrentaram períodos iniciais de descrença, hostilidade e aversão. Que o diga Galileu Galilei...

Esquemáticamente, levando em conta apenas o caráter qualitativo, o processo mencionado poderia ser representado da seguinte maneira:

Módulo 1: esquema de gravação do som pronunciado;

Módulo 2: captação do som e transformação em um gráfico sonoro, de acordo com a intensidade, diferença de potencial elétrico e outros parâmetros;

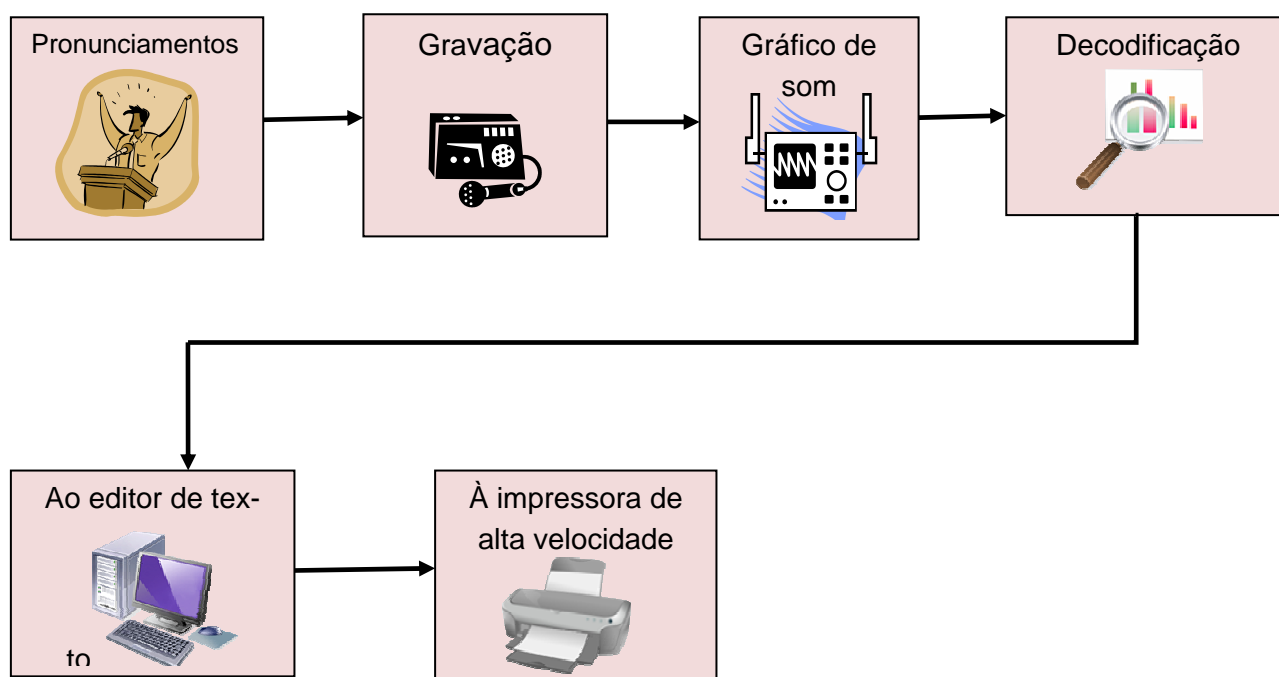
Módulo 3: leitura e interpretação dos gráficos de som apresentados no osciloscópio, num analisador de sinais ou outro aparato tipo leitura de código de barras ou semelhante;

Módulo 4: decodificar as diferenças de potencial elétrico ou figuras ou gráficos;

Módulo 5: interpretar, por meio de um editor de texto com correção ortográfica e gramatical;

Módulo 6: enviar para uma impressora de alta velocidade e/ou para uma rede de computadores;

Esquemáticamente, o fluxo de informações pode ser visualizado no seguinte organograma simplificado:



A partir do módulo 6 estaria terminado o processo, podendo o trabalho ser manipulado à vontade por profissionais habilitados, basicamente taquígrafos competentes, que deveriam também substituir o maquinário em caso de falha do equipamento, falta de energia elétrica ou outros fatores ocasionais.

6. Perspectivas

Podemos perguntar: e como ficará a Taquigrafia? Desaparecerá? Será jogada no lixo da História, como coisa inservível, deixando saudades e tornando-se imprestável, tal como aconteceu com as primeiras máquinas de escrever, as antigas carroças puxadas por burros, as canetas-fonte ou os rádios de válvulas?

Não cremos que isso aconteça. A Taquigrafia manual será sempre útil. Tudo na vida evolui. Ela apenas vai mudar de instrumentos. Quando não houver recursos para usar um equipamento, quando não houver energia elétrica, quando ocorrer uma situação de emergência, quando o orador falar fora do microfone, o que é muito comum, só um taquígrafo hábil conseguirá registrar e traduzir a palavra quase sempre volátil, no momento importante em que ela precisa ser registrada.

Permitam-me pronunciar, neste passo, as impressões de um cidadão que tentou aprender taquigrafia, mas achou a técnica extremamente difícil e por isso resolveu desistir melancolicamente, o que foi expresso em alguns versos de Armando de Oliveira:

MISTUREI ANTO COM ANDO / DEU ENTENDE E ENTENDI / AINDA ENTENDA E UNTANDO
/ AFINAL, NÃO COMPREENDI // Q ANSO D É CANSADO / NÃO É SÓ, TAMBÉM CONCEDA /
L D É LIDO, LADO / LEIO LODO, LEIO LEDA // ESPERE: ESPIRA É ESPORA / SELO É SOLA
/ QUE TOLICE! / GRIFO QUERO, TENHO CORA // EU, TAL APRENDER? QUEM DISSE? /
SAIO DAQUI, VOU EMBORA / FICAR, P'RA MIM, É DOIDICE...

Deixemos o nosso amigo...

Hoje, ouve-se falar que a Taquigrafia não existe mais no STF, substituídas que foram nas suas normas, as palavras “notas taquigráficas” por “transcrição de áudio”. Antes, até há pouco, naquele excelso Pretório, a Taquigrafia tinha fé de ofício e prevalecia em caso de dúvidas em diversas situações. Agora, segundo informações, a atividade perdeu o seu identificador, ou pelo menos mudou de nome para “transcrição de áudio”. Não sabemos se continuam tendo fé de ofício.

Há alguns anos, vários taquígrafos do Judiciário fizeram curso de estenotipia em São Paulo e voltaram para o trabalho, mas hoje, no Supremo, só existe um desses servidores, que taquigrafa acompanhado de um taquígrafo manual.

Também se fala que algumas pessoas estão propugnando a extinção do serviço de Taquigrafia do Senado, do STJ e de outros órgãos, mas a experiência mostrará que, enquanto não for inventado o processo que descrevemos acima, a tradicional Taquigrafia manual continuará a ser indispensável no âmbito do Parlamento, do Judiciário e de atividades afins.

Brasília, Nov 2008

lityerse@gmail.com



* **Lityerse de Almeida Castro**, natural de Belém/PA. Começou a estudar taquigrafia aos 10 anos de idade, com seu pai, o Prof. Ramiro Castro, representante, no Pará, da antiga Federação Taquigráfica Brasileira, com sede no Rio de Janeiro. Posteriormente, estudou Engenharia Civil, fez o curso da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), o do Instituto Militar de Engenharia (IME) e mais tarde fez concurso para o cargo de Taquígrafo do Senado Federal, por onde se aposentou como Supervisor de Taquigrafia. Casado com a Prof^a Maria Isabel Braga Castro, reside atualmente em Brasília/DF.